

“O futuro na Promessa” Perspectivas da escatologia de Jürgen Moltmann *Levy da Costa Bastos**

Resumo

É necessário corrigir as distorções da escatologia tradicional. Muitas destas incorreções têm efeitos devastadores para a pastoral cristã. Abordar a escatologia de forma libertadora pressupõe, portanto, uma atitude crítica ante as formas como o futuro de Deus tem sido desenhado. A promessa (*Verheissung*) é para isso uma das categorias escatológicas mais recorrentemente utilizadas por Jürgen Moltmann. Trata-se de um conceito que cria a vida e instiga à transcendência da pessoa humana sobre si mesma, possibilitando sua abertura ao ainda não vivido. É, pois, qualidade intrínseca desta promessa manter os crentes inquietos enquanto estes não virem a realidade na qual estão inseridos ser transformada em correspondência àquela desejada por Deus.

Palavras-chave: promessa; Reino de Deus; nova criação; libertação; escatologia.

“The future in the Promise” Perspective of the eschatology of Jürgen Moltmann

Abstract

It is necessary to correct some distortions in the traditional eschatology. Many of this incorrections have devastating effects for the christian pastoral. To deal with the eschatology in liberating form presume, therefore, a critical attitude in relation of the forms how the future of God has been designed. The promise (*Verheissung*) is, therefore, one of the theological categories most constantly used by Juergen Moltmann. It treats to one concept, that creates live and inspires the transcendence of it self. This make possible its opening to not jet experimented things. It is, therefore, a intrinsecal quality of this promise to mantain the Christians insatisfied, as long as they do not see in the reality, in wich they live, the transformations in correspondence to what Gods plan.

Keywords: Promise; Reign of God; new creation; liberation; eschatology.

* Doutor em Teologia pela PUC-Rio. Atualmente reside na Alemanha, tendo exercido a função docente no Reutlingen Theologisches Seminar como professor convidado.
E-mail: bastos@t-online.de

“El futuro en la promesa” Perspectiva de la escatología de Jürgen Moltmann

Resumen

Se hace necesario corregir las distorsiones de la escatología tradicional. Muchas de estas incorrecciones tienen efectos devastadores para la pastoral cristiana. Abordar la escatología de forma libertadora presupone, portanto, una actitud crítica ante a las formas como el futuro de Dios ha sido dibujado. La promesa (*Verheissung*) es para esto una de las categorías escatológicas mas recurrentemente utilizadas por Jüergen Moltmann. Trata-se de un concepto que crea la vida y instiga a la transcendencia de la persona sobre si misma, posibilitando su abertura al aun no vivido. És, portanto, cualidad intrínseca de esta promesa mantener los cristianos inquietos enquanto estos no vean la realidad en la cual están inseridos ser transformada en correspondencia a aquella deseada por Dios.

Palabras-clave: promesa; Reino de Dios; nueva creación; Liberación; Escatología.

A necessidade de refazer o caminho da escatologia cristã

A escatologia cristã está deslocada de seu verdadeiro lugar! Desde essa premissa Jürgen Moltmann enceta um longo caminho de quase quatro décadas na tentativa de reenfocar corretamente a função desta na existência do cristianismo contemporâneo. Seu trajeto iniciou-se no ano de 1960 com a “descoberta” da esperança, mediada pela obra do filósofo judeu Ernst Bloch, descoberta esta que encontrou sua forma concreta na publicação por parte de Moltmann da *Teologia da esperança (Theologie der Hoffnung. Untersuchungen zur Begründung und zu den Konsequenzen einer christlichen Eschatologie)* em 1964. O itinerário “escatológico” moltmanniano atingiu seu estágio de maturidade conceitual definitiva em 1995, quando da publicação de uma de suas últimas *Beiträge: A vinda de Deus (Das Kommen Gottes. christliche Eschatologie)*, na qual sua preocupação em reafirmar a importância da esperança como determinante da inserção dos Filhos de Deus na vida presente se somou à historicidade conflitiva da existência de Cristo, a saber de Sua cruz e ressurreição. Moltmann acabou por afirmar com decisão sua escatologia desde um fundamento cristológico.

A escatologia cristã fala do Cristo e de Seu futuro. Ela é, portanto, essencialmente uma “cristologia em perspectiva escatológica”(MOLTMANN, 1964:223). Na verdade o que a determina e diferencia de tantas outras possíveis abordagens é este fundamento. Toda escatologia precisa estar baseada cristologicamente, uma vez que a existência de Cristo comunica-lhe a necessária vitalidade histórica, libertando-a, desta forma, de qualquer tentativa de uma interpretação conservadora do *status quo*, inibidora, portanto, de uma atitude crítica diante da vida (MOLTMANN, 2003b:214). Em Cristo vão se

unir céu e terra, isto é, a dimensão prospectiva da redenção final toma forma concreta neste mundo. Na encarnação do Cristo de Deus a esperança se epifaniza, fazendo-se um sacramento daquilo que haverá de acontecer. NEle podem ser vistos e vivenciados, mesmo que fragmentariamente, os sinais antecipatórios da grande esperança. O que Moltmann quer reacentuar é uma das mais cristalinas verdades da fé cristã, a saber: o centro do Novo Testamento é o Cristo ressuscitado, o qual é nele anunciado, prenunciado e prometido. Em Cristo as promessas de Deus se tornam a mais radical das realidades. NEle se cumpre prolepticamente (um ato com potencialidades a serem ainda manifestas) o futuro Divino (MOLTMANN, 1964:336). Nos meios teológicos protestantes mais conservadores a linguagem escatológica, não poucas vezes, tem se apresentado como um misterioso “quebra-cabeças”, o qual mais esconde do que revela a vontade de Deus para o homem contemporâneo, angustiado diante de um mundo engolfado pela ameaça de destruição de seu ecossistema, pela violência e injustiça. A tematização do *eschata* se apresenta tão hermética a ponto de quase se converter numa reedição da prática da comunidade de qumran, para a qual o irreversível juízo de Deus viria sobre os ímpios, razão pela qual esta comunidade deveria separar-se do mundo e adotar uma vida de passivo e expectante isolamento. O efeito prático-pastoral disto é desastroso quando visto desde a necessidade de inserção dos cristãos no mundo. Um cristão que procura orientar sua vida por tal perspectiva jamais se sentirá convocado a ser instrumento de Deus pela paz, pelas mudanças sociais visando a maior dignificação da vida, pela preservação do meio ambiente na amplitude de sua biodiversidade. Uma elaboração teológica que aliena o ser humano de sua própria história referindo-se a um tempo futuro trans-histórico não merece o título de escatologia, mas sim de ideologia, sob a qual deverá pesar sempre a acusação de nada fazer contra uma possível e trágica aniquilação da vida planetária, de nada mais ser do que um “ópio do povo”.

A des-construção de uma escatologia inadequada

A simples referência da escatologia não se traduz de *per se* em um anúncio libertador. Faz-se necessário, seja elaborado um discurso que identifique as fragilidades e incorreções, muitas delas de efeitos devastadores para a pastoral cristã, nas quais incorre a temática escatológica tradicional. Isto se deve ao fato de que um discurso teológico nunca está livre de condicionamentos culturais e ideológicos, muitos dos quais acabam por suprimir o elemento libertador do Evangelho de Cristo, sem a supressão dos quais a mensagem cristã perde sua eficácia redentora. Em vez de promover a vida, a destrói. De fato, a esperança cristã é uma experiência, por meio da qual as pessoas crentes podem ser levadas

ou à resistência, ou à fuga espiritual. Abordar a escatologia, todavia, de forma libertadora pressupõe uma atitude crítica ante as formas como o futuro de Deus tem sido desenhado. Para Jürgen Moltmann é de importância fundamental que se negue a tese, amplamente difundida em ambientes onde o “dispensacionalismo fundamentalista” é dominante, de que esta vida não tenha outro propósito que o de preparar para a outra, para o além. Ao contrário disto, esta vida deve, isto sim, ser compreendida como tendo significação interna em si mesma. Ela é a antecipação do futuro, mas não quer isto significar que o presente já não seja ou tenha em si as marcas antecipatórias deste mesmo futuro. Em Cristo ressuscitado o futuro já começou (MOLTMANN, 2003b:66). No entender de Moltmann a escatologia cristã não é, portanto, uma doutrina do *happy end* da história universal, em que tudo parece convergir para um evento final consumatório. O fim não deve ser entendido como sendo o ápice de uma história que nunca tivesse sido experimentada, mesmo que de forma fragmentária, como um marco indicador em seus sinais mais incipientes. A glória plena, com a qual o Deus Trino fará convergir a história humana à Sua própria já está em curso, a despeito da caducidade da existência humana atual. Na raiz da crítica de Jürgen Moltmann está a percepção de que as formas conservadoras de interpretar o futuro (amplamente difundidas em ambiente protestante latino-americano), são, em verdade, o mascaramento de uma atitude hostil ante à realidade que se vive hoje. Uma tal compreensão não permite que surja a mínima identificação da vida e da criação como um convite ao engajamento, à militância transformadora.

Em vez de “armagedom”, a re-criação de todas as coisas

Para Moltmann a justiça de Deus não é pura ação retributiva, mas justiça que justifica os ímpios e que restaurará o mundo arruinado, reconstruindo todas as coisas. Esta justiça se tem revelado paradigmaticamente no evento Cristo, uma vez que N’Ele Deus revela um amor que se doa incondicionalmente. Jesus Cristo é, portanto, o critério por excelência da justiça de Divina. O Deus e Pai de Jesus Cristo não planeja outra coisa senão recriar, fazer novas todas as coisas. Não é Seu desejo pôr fim a tudo o que, em libérrimo desígnio de amor, criou. O juízo escatológico Divino é assim a Sua justiça criativa. Esta Sua justiça não pode, entretanto, estar relacionada ou ser vista nem como sendo condenatória, nem mesmo recompensadora, mas como um justiça remidora. Isto tira toda a possibilidade de Deus ser identificado com o desejo não assumido das pessoas por vingança, com a incapacidade destas de perdoar incondicionalmente.

Em sua idéia original, o juízo de Deus quis ser uma esperança para os injustiçados do mundo, todavia, com o tempo a interpretação que o cristianismo ocidental fez dele acabou por convertê-lo num juízo condenatório para

os malfeitores. O juízo de Deus transformou-se em um juízo criminal contra toda a humanidade, fazendo “tremar” todos seres humanos quando de sua menção. Neste sentido, pode-se detectar uma relativa distinção da escatologia cristã diante da apocalíptica judaica, uma vez que por trás do conceito de julgamento israelita escondeu-se uma forma de juízo pautada em critérios de retaliação herdados do dualismo iraniano. Este dualismo apocalíptico serviu como substrato para a elaboração da “teologia do armagedom” por parte de um cristianismo de caráter dispensacionalista e conservador, o qual, em vez de Evangelho (boa nova de salvação para todos), coloca uma batalha final apocalíptica como ponto culminante do juízo das nações por parte de Deus (MOLTMANN, 1994c:445). Para Moltmann, uma interpretação messiânica do juízo leva a crer que ele se dará não visando à condenação das pessoas e do mundo, mas será para o reerguimento destas. É fundamental que o juízo final seja visto como o começo da Nova Criação de todas as coisas. Isto implica numa urgente mudança de foco, a saber: os cristãos não podem aguardar o futuro como a culminação das catástrofes climáticas, das guerras entre povos, de hacatombes nucleares. Estes acontecimentos devem ser interpretados como sinais negadores da vontade de Deus, contra os quais os filhos e filhas de Deus devem se posicionar. Este posicionar-se diante dos “descaminhos” dos seres humanos, em vez de “militantismo” inconsequente, deve ser percebido como saudável experiência de santidade no mundo.

Promessa e construção da história

A experiência da salvação não alcança plenitude salvífica quando é vivida em atitude de individualismo e distanciamento do mundo. Os justificados de Deus não “conquistam-se”¹ a si mesmos, enquanto pessoas de vocação transcendente, quando se afastam do mundo, mas sim na “exteriorização” para dentro do mundo e da história em que vivem. A autenticidade desta experiência de fé está diretamente relacionada com a capacidade destes de romperem com o narcísico círculo centrado sobre si mesmos e abrirem-se para o mundo, tornando-se instrumentos de Deus para a sua redenção.

A promessa (*Verheissung*) é uma das categorias escatológicas mais recorrentemente utilizadas por Moltmann. Trata-se de um conceito que cria a vida, instiga à transcendência da pessoa humana sobre si mesma, possibilitando sua abertura ao ainda não vivido. Ela atua como um agulhão, empurrando tudo para o futuro, dando à vida uma dimensão eminentemente prospectiva. Isto

¹ Esta expressão deve ser entendida em sentido existencialista, uma vez que quer significar que a vida humana é um processo contínuo de realização das potencialidades da pessoa humana em processo histórico de existir (ser no tempo/dasein).

comunica a toda a existência histórica humana um caráter transitório e superável, trata-se assim de uma *promissio inquieta*. Isto é, o melhor das realizações humanas ainda será pouco diante daquilo e para aquilo que a promessa convoca a ser e alcançar. A promessa, portanto, liga os crentes em Cristo ao futuro, abrindo-lhes assim o verdadeiro sentido para a história (MOLTMANN 1964:93). Somente pela promessa (visão de futuro) e a missão decorrente desta (comissionamento), o sentido da história se revela claro às pessoas, convertendo-se num fator impulsionador da história humana como um todo.

A promessa Divina faz brotar um dado novo na realidade humana. Faz surgir possibilidades impensáveis ou, até então, consideradas impossíveis de ser atualizadas. Ela enuncia a verdade que ainda não existe, por meio da qual o futuro supera tanto o real possível quanto o real impossível. Esta realidade impossível de ser pensada dentro das limitações da existencialidade humana se corporifica em muitos eventos revelatórios divinos, como o êxodo e a aliança, mas explicita-se inconfundivelmente na ressurreição dentre os mortos de Jesus Cristo. Este acontecimento de caráter redentor é uma indicação daquilo que espera todos os filhos e filhas de Deus, mas que igualmente inspira sua vida no tempo presente. A morte, bem como todas as suas expressões opressivas presentes nesta história, já tem sido vencida pela ressurreição do Cristo de Deus. A ressurreição de Jesus Cristo é a promessa por excelência, ao redor da qual todas as demais gravitam.

Promissio Divina: fator fundante da missio dos filhos e filhas de Deus

Assim como o corpo anseia pela ressurreição, pela superação definitiva da morte, a fé que determina a vida dos filhos e filhas de Deus se orienta para algo que ainda não está cumprido, para o que lhes foi prometido pela Palavra de Deus. Também o ser humano, por conta de sua incompletude existencial, acha-se aberto para o futuro, à procura de significação para sua realização. O crente em Cristo torna-se pela ação do Espírito de Deus um “esperante”, sendo ainda futuro para si mesmo. A promessa Divina faz com os crentes deparem com uma realidade que demanda inserção responsável, confronto e transformação. A diferença qualitativa entre aquilo que Deus promete e o que se vê no mundo faz surgir um estado de insatisfação naqueles aos quais foi tornado possível conhecer a vontade de Deus (1 Co. 2,9-12). Na verdade, a pessoa crente justificada por Deus sente-se em harmonia interna consigo mesma *in spe* (em esperança), uma vez que conhece o futuro de sua história com Deus, mas desarmoniza-se com o mundo *in re* (na realidade). Isto acontece por eficácia instrumental da promessa Divina. A força operante desta *Promissio* do Reino do Pai fundamenta a *Missio* (ação missionária) do amor apaixonado dos filhos

e filhas de Deus pelo mundo. Ela (a promessa) os habilita a tornarem-se apátridas com os sem uma pátria, ficarem sem paz e em solidária comunhão com os sem-paz no mundo, tornarem-se injustiçados na companhia dos injustiçados da terra, por causa da Justiça de Deus, que será instalada plenamente no futuro (Mt. 5,10-12; 2. Pd. 3,13).

A promessa, em vez de alimentar uma expectativa exclusiva para além da história, fazendo-se resignação e fuga fatalista ante os problemas da vida, deve levar ao engajamento dos justificados pela redenção da criação como um todo já neste *éon*. Para Moltmann é qualidade intrínseca desta promessa manter os crentes inquietos enquanto estes não virem a realidade na qual estão inseridos ser transformada em correspondência àquela desejada por Deus. A promessa infunde, pois, insatisfação no coração dos justificados, o que não permite que estes se reconciliem com um mundo onde ainda não esteja presente, nem cumprida ou realizada, a vontade plena de Deus, a saber Sua justiça e verdade. A promessa Divina é um conceito que anuncia uma realidade ainda não existente, um *ou-topos*, um lugar que não é ainda real como um ato concreto, mas que o é enquanto instrumento inspirador das ações dos filhos e filhas de Deus no mundo, uma vez que estes nisto se inspiram para fazer-se agentes históricos.

Para Jürgen Moltmann a religiosidade de fundo nomádico-israelita é uma realidade que foi plasmada dentro da perspectiva da promessa. Literalmente “a ‘experiência da história’ feita pelos israelitas foi possibilitada pela fé na promessa.” (MOLTMANN 1964:319). O Deus “nômade” é o Deus da migração, fazendo a existência humana ser percebida como um processo histórico. Mesmo ao tornar-se sedentário o povo israelita continuou a crer na promessa, pois grande parte dela ainda estava por se cumprir. Isto se deu basicamente por causa daquilo que Moltmann denomina de “inesgotabilidade” do Deus da promessa. Na história do povo israelita a promessa desempenhou o papel de abrir o horizonte de sua história, isto é, determinar a ausência de limites fixos. De fato a Promessa visa sempre seu cumprimento. Somente onde Javé se revelava por meio de Sua obra é que Israel via a história. No êxodo do Egito o povo, como um todo, experimentou aquilo que Abraão viveu pessoalmente, a saber: o chamado da peregrinação, a sair de si e ir rumo à realização do que Deus prometia (Gn. 12,1-3).

O Deus bíblico se identifica com a promessa, isto o opõe radicalmente ao deus apático helênico. Se ao deus grego da epifania se pergunta por onde e quando o eterno, imutável, se manifesta na forma humana, efêmera e temporal, ao Deus da promessa, por outro lado, é questionado onde e quando revela-se o Deus da esperança e do futuro da verdade. O deus grego é o deus das possibilidades esgotadas, da perspectiva determinista da história. É um

deus sem futuro. O Deus de Israel, em contrapartida, é o Deus que cria novas possibilidades sempre a cada dia. Faz, *ex nihilo*, surgir a vida, permitindo que, desde a morte, esta seja ressuscitada.

Para Moltmann a justiça justificadora de Deus não é outra coisa senão Sua fidelidade à Sua promessa (MOLTMANN, 1977d:166). Ele é justo, exatamente porque, cumprindo Sua promessa, justifica os injustos e estabelece Sua justiça para os que sofrem injustiça. Os seres humanos chegam à justiça de Deus no momento em que confiam na fidelidade de Deus segundo a Sua promessa. A justiça de Deus se expressa no Seu agir criador, na vida particular e na história social daqueles e para aqueles que se vêem ameaçados pela morte absoluta e pelo pecado; pecado este que é visto por Moltmann como sendo o autoisolamento dos homens em relação a Deus, a fonte de vida. Pecado é, pois, a negação da promessa, o que se expressa no autoencarceramento da pessoa, deixando de agir transformadoramente na história. É exatamente neste momento que tem início a destruição social do gênero humano, a saber, em sua tentativa de autodivinização.

As promessas feitas por Deus ao Seu povo na antiga aliança não são restritivas à comunidade judaica, mas dirigem-se a todos, têm caráter inclusivo (Gn. 12,3b). Em Jesus Cristo a promessa de Deus se torna explicitamente universal. Na encarnação do Cristo de Deus se dá então a virtualização da promessa, ela converte-se em evento concreto, irreversivelmente imperecível para todos os seres humanos, para toda a criação. Em Cristo se superam todos os exclusivismos: o Deus de Abraão se torna de forma incondicional o Deus de todos os povos da terra. Todavia, esta promessa de alcance universal deve se tornar um evento efetivo na vida das pessoas. Para Jürgen Moltmann, o Evangelho da promessa de Cristo já está presente na história, mas somente como promessa, uma vez que N'Ele todas as promessas de Deus são confirmadas e virtualizadas, mas não cumpridas ainda. Isto comunica um caráter sempre aberto para a existência das pessoas, para a história humana, para a criação.

Tirar consequências disto significa o exercício de conversão (*metanóia*), uma mudança mesmo de valores, bem como de perspectivas. A fé evangélico-reformada precisa se orientar pela promessa, uma vez que o correlato da fé é a promessa, e não a revelação. Isto significa redesenhar sua relação com o futuro, e deste com o presente. Uma mudança de foco e de orientação por parte de um cristianismo marcadamente bíblicista permitiria o incentivo da ação efetiva dos cristãos e cristãs neste mundo, sempre se reportando ao futuro de Deus, isto é, àquilo que Deus efetivamente quer fazer na história e na criação. O futuro não deverá ser interpretado, portanto, como esgotamento inexorável daquilo que se pode fazer nesta vida, mas seu fator

potencializador. Se o futuro é o encontro da palavra da promessa com a realidade correspondente, isto será sempre, pois, o fator a converter a história em fascinante espaço de ação criativa humana. Toda e qualquer incongruência entre o imperativo da promessa (o que Deus deseja para Sua criação como um todo) e o indicativo da vida humana (o que realmente é experienciado em seu cotidiano) será sempre fator inspirador de forças renovadoras na vida dos justificados.

A história humana tornar-se-á palco por excelência, no qual os filhos e filhas de Deus protagonizarão seu chamado Divino. A fé que o Espírito de Deus gesta no coração dos crentes os livrará do entorpecimento e do desespero, mantendo acesa a esperança ativa na vida, mesmo e especialmente quando esta vier a encontrar-se fragilizada e sob risco de morte e aniquilação. A vida humana, entendida como a totalidade da criação, será um desafio para o homem e a mulher de fé. O *pathos* Divino será autenticamente assumido pelos crentes, pois nisso verão os suspiros da criação, a qual clama, desta forma, por um compromisso a ser assumido, visando a sua libertação (MOLTMANN, 1980e: 42).

Referências bibliográficas

MOLTMANN, Juergen. *Theologie der Hoffnung. Untersuchungen zur Begründung und zu den Konsequenzen einer christlichen Eschatologie*. München: Kaiser Verlag, 1964.

_____. *A vinda de Deus. Escatologia cristã*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003

_____. *O caminho de Jesus Cristo, cristologia em dimensões messiânicas*. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

_____. *Trinität und Reich Gottes. Zur Gotteslehre*. Meunchen: Kaiser Verlag, 1980.